

Tereza Cristina Cardoso de Souza Higa\*

**RELATOS, OLHARES E TRAJETÓRIAS NOS ESTUDOS FRONTEIRIÇOS:  
ANÁLISE DA MOBILIDADE POPULACIONAL NA FRONTEIRA DE MATO  
GROSSO COM A BOLÍVIA.**

**Resumo:** A área fronteira de Mato Grosso - Brasil e da Bolívia é caracterizada por apresentar acentuadas diferenças no processo de uso da terra e ritmos de ocupação, evidenciando a distância econômica e de políticas de Estado adotadas pelos dois países vizinhos. Assim, no lado brasileiro, o vigor da economia nacional e as especificidades políticas administrativas, têm provocado um forte dinamismo nos diferentes setores produtivos. No território boliviano, as constantes dificuldades vividas no campo econômico e político administrativo, têm mantido quase sem alteração a faixa de fronteira, que é caracterizada por inúmeras dificuldades econômicas. Diante destas dificuldades, tem sido observado um gradativo aumento do fluxo migratório na fronteira, particularmente da Bolívia em direção a Mato Grosso, propiciado pela busca de oportunidades de trabalho e melhoria das condições de vida.

**Palavras-chave:** Fronteira; migração; trajetórias de vida.

**Abstract:** Mato Grosso - Brazil and Bolivia border area is characterized by important differences in land use and occupation, showing the distance of economic and government policies adopted by the two neighboring countries. In Brazilian side, due the power of national economy and specific administrative policies, is being observed a great dynamism in many productive sectors. In Bolivia, continued difficulties experienced in economy and policy remained almost unchanged the border area, characterized by economic difficulties. Due these difficulties, there has been a gradual increase in migration at the border, particularly in Bolivia toward Mato Grosso, caused by the seek for job opportunities and better living conditions.

**Keywords:** Border; migration; life trajectories.

### A leitura da espacialidade

Discutir a importância dos relatos, olhares e trajetórias nos estudos fronteiriços, especialmente a mobilidade populacional no contexto sócio-espacial,

---

\*Doutora em geografia – docente da UFMT -Coordenadora do Grupo de Estudos Regionais Sul-americanos – G-ERSA . Email:tccardoso1@gmail.com

significa considerar os valores, as percepções e a memória dos atores sociais locais nos processos de construção, desconstrução, reconstrução e a freqüente cruzada dos territórios fronteiriços, cuja dinâmica é marcada pelo constante confronto das relações binacionais que expõem as diferenças de cada Estado em termos de herança sociocultural, nível econômico, especificidades políticas e administrativas, religiosidade, línguas, tradições e outros.

Trata-se, também, de reconhecer que a leitura da espacialidade social, que se constitui no principal eixo da análise geográfica, deve ser feita a partir da observação da ordem espacial vigente e da análise das relações entre indivíduos e grupos sociais que, continuamente, modificam as paisagens, excluem e articulam novas redes que conectam pessoas, grupos e lugares, o que é fundamental para a formação de novos territórios e para os processos de desterritorialização e reterritorialização.

Assim, concorda-se com o geógrafo Paulo César Gomes que ao comentar sobre a distribuição espacial dos objetos afirma ser *esta lógica do arranjo espacial a questão geográfica por excelência*. Ainda para este autor, “o arranjo espacial das coisas é uma linguagem. Comunica revela e organiza sentidos, estrutura ações, muda segundo os contextos, utiliza metáforas, metonímias, anacolutos, elipses e hipérboles.” (GOMES, 1997. P.38)

Desta forma, dentre as muitas posturas e caminhos de sustentação da análise geográfica, é adotado neste trabalho a vertente teórico-conceitual que considera a Geografia como a área do conhecimento que estuda o *Espaço Produzido*. Esta forma de reflexão geográfica valoriza o espaço a partir da identificação e análise da ordem espacial dos objetos e dos fenômenos sociais ou da natureza, sob a perspectiva de seus usos, apropriações, conflitos, enfim, de seus significados e condições de existência. Enfatiza o heterogêneo, o diverso, o outro, buscando captar a ordem prevalecente, a lógica do arranjo espacial, suas construções, agregações, valorizações, enfim as condições que desencadeiam as novas espacialidades.

Nesta perspectiva, a leitura das diversas espacialidades, conformadas nos lugares, nas paisagens, nos territórios, regiões e em muitas outras categorias espaciais, se apóia nos trabalhos de observação in loco, coleta de dados no campo, levantamento de dados secundários, como dados estatísticos, mapeamentos e relatórios técnicos. Além disto, os estudos geográficos são largamente respaldados e alimentados pelos dados e informações obtidos junto aos atores sociais integrantes do contexto analisado, o que se

dá através de várias técnicas e recursos como a entrevista estruturada, semi-estruturada, aberta, entrevista com grupos focais, entrevista projetiva e história e trajetórias de vida.

É importante frisar que as leituras possíveis da formação sócio-espacial, ou seja, a leitura dos diversos arranjos produzidos socialmente, tais como as construções, usos, apropriações, conflitos, o heterogêneo, o diverso, as agregações e valorizações, exige o conhecimento das experiências vividas, das percepções e memórias dos atores sociais, quer na forma de indivíduos, quer na forma de grupos sociais.

### **Para além do padrão dos arranjos espaciais**

O espaço em suas várias manifestações, como o lugar, a paisagem, o território, a região, é, de acordo com Milton Santos, *a acumulação desigual de tempos*, refletindo, continuamente, as transformações temporais resultantes das atividades sociais. Desta forma, o espaço incorpora e expõe as marcas do processo de sua produção realizado sob diferentes condições e utilização de recursos tecnológicos. O espaço conserva testemunhos de tempos passados, que se renovam e se remodelam de acordo com os interesses e ritmos das práticas sociais presentes. Assim, pode-se afirmar que a leitura sócio-espacial envolve temporalidades distintas que em diferentes movimentos e ritmos, de forma objetiva ou subjetiva, constroem e desconstroem o econômico, o social e o indivíduo.

Diante da complexidade envolvida na leitura sócio-espacial, algumas indagações se colocam e remetem, constantemente, para a adoção de novos procedimentos de pesquisa e análise: Que caminhos percorrer para proceder a leitura sócio-espacial? Por onde começar? O que é relevante? Como confrontar dados e informações? Como se dá os diferentes usos do espaço pelos indivíduos e pelos grupos? Para que o fazem? O que esperam? E muitas outras questões.

Na busca das respostas a estes questionamentos, a pesquisa geográfica tem adotado diversas trilhas para encontrar um ponto de convergência que exponha e oportunize a compreensão da complexidade da produção do espaço. Embora no processo da pesquisa seja comum privilegiar um procedimento de levantamento de dados, muitos estudiosos conjugam em seus trabalhos mais de um caminho para a obtenção de dados e informações, o que lhes permite a confrontação destas informações e dados, facilitando-lhes a emissão de um parecer sobre o contexto estudado.

As informações secundárias, amplamente utilizadas na pesquisa geográfica, a exemplo dos censos, mapas, séries climatológicas, relatórios técnicos, entre outros, constituem-se em informações de grande valia e aplicabilidade, mas são, em muitos aspectos, incompletas e, se utilizadas isoladamente, podem gerar um viés na interpretação de um quadro sócio-espacial. Podemos tomar como exemplo o processo da migração. Os dados censitários, sem dúvida, fornecem as características físicas do fluxo: sua origem, seu destino, número de migrantes. Dependendo da elaboração da amostra censitária, é possível conhecer as condições socioeconômicas destes migrantes: faixa etária, nível de instrução, qualificação profissional e outros. No entanto o censo não consegue trazer e expor a real situação do principal ator do processo: o migrante.

Por que migrou? O que busca? A migração é temporária? O que deixou para trás? Que experiências viveu? Questões cujas respostas, não só, esclarecem os fatos, mas que são, também, imprescindíveis, para a definição de mecanismos e políticas de planejamento que possam orientar a ocupação de novas áreas ou, ainda, ajudar a repensar políticas econômicas e sociais para as áreas de origem do processo migratório.

Este exemplo, como muitos outros, mostra a limitação da utilização dos dados secundários como única ou a principal fonte de informações para a análise de um fenômeno sócio-espacial, como é a migração. Ao mesmo tempo, aponta a necessidade do estabelecimento de contatos diretos com o migrante, de quem se poderia conseguir informações esclarecedoras sobre os aspectos e fatores, objetivos e subjetivos, encorajadores da caminhada migratória. A migração exige coragem e é, muitas vezes, motivada por contextos desesperadores de busca pela própria sobrevivência.

Em outra vertente dos métodos da pesquisa geográfica, encontram-se as observações de campo, consideradas de fundamental importância para os trabalhos geográficos. De fato, a leitura e interpretação sócio-espacial, exige do pesquisador o olhar próximo do contexto de análise, munido, sempre, de lentes teórico conceituais, que possam dar conta das complexidades envolvidas no contexto da análise.

Através do olhar minucioso, o pesquisador consegue captar sutilezas na produção dos arranjos espaciais, o que permite, em caráter inicial, a leitura e a interpretação sócio-espacial. Contudo, muitas vezes, a aparência expressa em diversas situações pode ser enganosa e conduzir a erros de interpretação. Outras vezes, a verdadeira dimensão do fato social, não pode, efetivamente, ser dimensionada pelas nuances dos arranjos apresentados.

Neste caso, o contato direto com os atores sociais partícipes do processo é, também, essencial. Conhecer o que realmente ocorre no meio dos arranjos visíveis e objetivos, é algo que só pode, efetivamente, ser expresso a partir dos relatos dos próprios atores sobre suas experiências de vida. Suas trajetórias de vida constituem-se em fonte de fundamental importância para o conhecimento efetivo de um determinado contexto sócio-espacial.

Assim, em uma área de pequenos agricultores o padrão da pequena propriedade é facilmente perceptível através da observação do arranjo espacial dos objetos que lhes são característicos. Dentre os elementos que compõem o arranjo espacial típico da pequena propriedade em Mato Grosso e, especialmente na área de fronteira, destacam-se: a proximidade das moradias; a ocorrência de casas pequenas e simples, de padrão rústico; a presença de terreiros ao redor das casas, com pequenos animais, como galinhas e porcos; varais para secar roupas cruzando o terreiro; presença de plantas ornamentais em vasos improvisados, via de regra feitos de latas, ou plantadas diretamente no chão.

Ao lado da casa ou no quintal imediato, frequentemente, encontram-se pequenas plantações de mandioca, cana, banana, manga, caju e laranja. É comum, ainda, a presença de canteiros hortaliças. Outro elemento importante e característico das de pequena produção e presença na margem das estradas de pontos de venda da produção local, podendo-se encontrar frutas, legumes, ovos, queijos e outros produtos oriundos das pequenas propriedades locais.

Assim, o arranjo espacial dos elementos constitutivos da paisagem permite ao observador induzir, com relativa segurança, sobre as condições sócio-espaciais de uma determinada área, particularmente em relação à sua funcionalidade, modalidade ocupacional e condições econômicas genéricas. No entanto, o conhecimento efetivo sobre as condições sociais e especificidades de níveis de vida só são possíveis mediante a aproximação do observador / pesquisador dos atores sociais locais.

Desta forma, o conhecimento sobre as satisfações e insatisfações, anseios, experiências, planos, dificuldades, as relações sociais vigentes, o cotidiano, enfim, os diversos aspectos individuais e sociais que concorrem para a produção do espaço local, requerem o olhar atento e próximo do pesquisador, aliado à tomada dos relatos de vida dos envolvidos no processo, propiciando a formação de um quadro sobre suas trajetórias.

Tomando-se com referência a afirmação de Milton Santos (1997) que o espaço é a *acumulação desigual de tempos*, os relatos e as trajetórias de vida tornam-se essencial na análise geográfica, na busca da compreensão sobre os fatores que fundamentam e desencadearam as formas atuais de produção do espaço, em que distintas temporalidades, propiciadas por diferentes processos sócio-ocupacionais se encontram, confrontam-se e interagem, conformando novas espacialidades.

Este processo, permeado de ambigüidades e convergências, foi discutido por Milton Santos que afirmou:

Uma vez que o espaço nunca é portador de técnicas da mesma idade ou de variáveis sincrônicas, pode-se dizer que se trata de um espaço assincrônico, ao mesmo tempo revelador e organizador da sincronia. Os elementos do espaço, quando considerados dentro de uma totalidade concreta, um lugar, são vistos como sincrônicos. (SANTOS, 2008. p. 61)

Nesta perspectiva, a análise concomitante do movimento, ritmo, convergências e divergências do processo sócio-ocupacional, que precede a compreensão da atual produção do espaço, exige a adoção de referenciais de pesquisa que extrapolem a leitura de dados secundários e padrões de arranjos de ocupação e mergulhe no contexto das trajetórias de vida dos atores envolvidos no processo, o que requer o registro de seus relatos de vida.

### **A mobilidade populacional na fronteira de Mato Grosso com a Bolívia**

São inúmeras as diferenças socioeconômicas culturais existentes na faixa de fronteira mato-grossense, as quais podem ser observadas tanto em termos internos, ou seja, em relação ao próprio estado de Mato Grosso, como também, e, sobretudo, em relação à área da fronteira boliviana.

Em relação a Bolívia as diferenças observadas advém do caráter histórico diferenciado da formação territorial dos dois países, o que contribuiu para o surgimento e o aprofundamento, ao longo do tempo, de consideráveis assimetrias socioeconômicas entre os dois países, particularmente nos territórios situados ao longo da linha de fronteira.

Na faixa de fronteira brasileira, abrangendo os municípios limítrofes de Cáceres, Porto Espiridião, Vila Bela da Santíssima Trindade, Comodoro, e mais vinte e quatro municípios distribuídos ao longo da faixa fronteira, o dinamismo da economia

e as especificidades das políticas do país têm impulsionado os diferentes setores produtivos locais, dando lugar a fluxos crescentes de comércio e demais serviços.

Contrariamente, na faixa de fronteira boliviana, ao longo do limite com Mato Grosso, onde se encontram as províncias de Angel Sandoval e Velasco, envolvendo quatro municípios, as constantes dificuldades enfrentadas no campo econômico e político administrativo, mantiveram quase sem alterações a faixa de fronteira, levando à manutenção de territórios pouco diferenciados, estruturados pela tradição das comunidades locais, continuamente enfraquecidas pelas dificuldades econômicas em que vivem.

Assim, encontra-se na faixa de fronteira brasileira incidente em Mato Grosso, considerável multiplicidade de territórios, cuja característica principal é dada pelo dinamismo econômico e especificidades produtivas, com destaque para a pecuária de corte e de leite e produção de grãos.

Na faixa de fronteira boliviana, especificamente nas províncias de Angel Sandoval e Velasco, observa-se a ocorrência de territórios pouco diferenciados, praticamente uniformes, do ponto de vista socioeconômico, apresentando como principais características ocupacionais e econômicas a pecuária extensiva, a agricultura de subsistência e a exploração madeireira. Ainda destacam-se, como características da área fronteira boliviana, a manutenção de antigas tradições, especialmente as relacionadas à vivência com os jesuítas no século XVIII. Além disto, no geral, a área apresenta certo distanciamento de muitos aspectos da modernidade, particularmente em relação aos recursos da tecnologia em setores como a agropecuária, a agroindústria e outros.. Em outras palavras, transitar entre os territórios das fronteiras de Mato Grosso e Bolívia é confrontar diferentes temporalidades.

Diante disto, concorda-se com a afirmação de Lima (2000, p. 64) que escreveu:

As diferenciações entre os lugares e, precisamente, as existentes nos territórios, nos deixam claro que por não ocorrer uma uniformização temporal as malhas técnicas não elaboram uma redução do lapso do tempo, porque cada lugar tem seu exato tempo.

Nesta perspectiva, na área fronteira de Mato Grosso e Bolívia, constata-se que o distanciamento em termos de adoção de novas tecnologias se traduz no nível e ritmo de dinamização do processo ocupacional e obtenção de vantagens competitivas, com nítido destaque para a situação do estado de Mato Grosso cuja produção, pautada

no setor agropecuário e voltada para o mercado internacional, tem se colocado entre as maiores do país. Esta situação encontra respaldo na afirmação de Milton Santos, que escreveu:

As variáveis modernas não se difundem homoganeamente através do espaço operacional, alterando-se a importância de cada uma delas. Esta mudança de forças produz instabilidade na organização espacial, com freqüentes desequilíbrios e reajustamentos. (2007 p. 125)

Diante deste quadro, marcado por nítidas diferenças socioeconômicas e níveis de adoção e absorção tecnológica, tem sido observado um gradativo aumento do fluxo de pessoas ao longo da faixa de fronteira, as quais, estimuladas pelas flutuantes oportunidades de trabalho e de investimento, migram de um país para o outro, particularmente na faixa de fronteira, em busca de melhoria nas condições de vida.

O processo de migração é, em grande parte, orientado pela busca individual e social de melhores condições de vida. Desta forma, frente às dificuldades impostas pela conjuntura socioeconômica, sobretudo diante da escassez de oportunidades de trabalho, as pessoas buscam alternativas que possam satisfazer suas necessidades e de suas famílias, na perspectiva de encontrar novos caminhos que garantam sua sobrevivência e dignidade.

No âmbito do movimento migratório, a busca por lugares que possam propiciar novas oportunidades é multiescalar, podendo ser concretizada em termos locais, regionais, nacionais e internacionais, o que foi considerado por Olga Becker, que afirmou, referindo-se ao contexto atual das migrações:

Um novo paradigma das migrações está em gestação como resultante da atual internacionalização da economia; desenvolve-se numa conjuntura onde de um lado ocorre a reestruturação tecnológica e, de outro, o aprofundamento da exclusão social. (1997. p.325)

As migrações que ocorrem na área fronteira de Mato Grosso e Bolívia caracterizam o contexto discutido por Olga Becker. Assim, tem-se constatado que o migrante boliviano que vem para Mato Grosso o faz em razão das dificuldades socioeconômicas vividas na área fronteira daquele país, cujo contexto político e econômico não aponta, em curto prazo, para a superação dos graves problemas sociais vigentes, motivados, em grande parte, pela ausência de empreendimentos locais sustentáveis e a conseqüente escassez de trabalho.

Em termos gerais, o indivíduo, ou o grupo de indivíduos, principalmente quando vive situações de necessidades e carências, passa a perceber o mundo ao seu redor de forma hierarquizada, concebendo cada lugar em um patamar de acordo com a situação que este lugar transparece em termos de oportunidade de trabalhos. Ressalta-se, que as oportunidades de trabalho, seriam atributos daqueles lugares caracterizados pelo dinamismo da oferta de serviços, ou pelo vigor do setor industrial, ou ainda, ou nas áreas de grande produção agropecuária e agroindustrial.

A situação evidenciada vai de encontro com a afirmação de Bourdieu (1997, p. 160) “não há espaço, numa sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima hierarquias”. No caso dos movimentos migratórios, a hierarquia dos lugares consiste nos referenciais balizadores do deslocamento do migrante, de acordo com seus objetivos.

Assim, a percepção da hierarquização dos lugares contribui para que cada indivíduo ou grupo de indivíduos possa enxergar ou criar a imagem do outro e projetar-se no contexto de expectativas sobre o que espera para sua vida futura. É, em geral, com base nesta imagem que o migrante busca forças para iniciar a caminhada migratória.

A partir destas considerações na análise realizada sobre o movimento migratório na fronteira de Mato Grosso e Bolívia, procurou-se respaldo em entrevistas realizadas alguns migrantes identificados na área fronteira dos dois países em apreço. Nestas entrevistas, buscou-se saber, entre outros, qual a percepção do migrante sobre a área escolhida para morar e ou trabalhar; as razões da decisão em migrar e os objetivos do migrante na área destino da migração.

Em relação à percepção do migrante sobre o local escolhido para migrar, as posições dos brasileiros e a dos bolivianos chegam a ser antagônicas, embora a causa e o objetivo final sejam concordantes. O migrante boliviano, na quase totalidade das respostas obtidas, afirma que migra para a área fronteira do Brasil, em Mato Grosso, por saber tratar-se de uma área de fazendas prósperas, nas quais podem conseguir trabalho por um período determinado e depois voltarem para a Bolívia com dinheiro suficiente que lhes permita suprir parte das necessidades familiares. Afirmam, ainda, que a busca por trabalhos rurais, via de regra como peões de fazendas de gado, limpadores de pasto e outros do gênero, se dá por não terem condições para conseguir outro tipo de trabalho, pois nunca receberam treinamento para exercer outra atividade.

Em seus relatos, indicam que a moeda brasileira vale bastante e que, embora recebam salários abaixo do valor pago aos brasileiros, ao trocarem o pagamento

recebido pelo dinheiro de seu país, as vantagens aparecem, dando-lhes condições de consumirem acima do que lhes é habitual. Outra vantagem apontada pelo migrante para trabalhar na fronteira diz respeito à proximidade de sua casa e de seus amigos e familiares e a possibilidade de rapidamente voltarem para casa, caso apareça algum problema.

Foram registrados, durante as entrevistas, inúmeros casos de migrantes bolivianos que se dirigem para as cidades fronteiriças, particularmente Cáceres e Porto Espiridião, onde se dedicam ao comércio informal, com a instalação de barracas para venda de produtos importados de baixo valor, em geral de origem chinesa, que entram no Brasil pela Bolívia.

Todos os entrevistados bolivianos afirmaram que a migração é um processo difícil e temeroso, mas necessário, pois se apresenta, muitas vezes, como alternativa única para conseguir trabalho. Em relação aos temores, declaram tem medo de ações policiais e de serem enganados e não receberem o pagamento pelo trabalho realizado, como, segundo informaram, já aconteceu com inúmeros trabalhadores bolivianos na fronteira brasileira.

Dentre os desejos manifestados, o mais freqüente foi o de acolhimento respeitoso e digno no Brasil. Segundo as declarações de vários entrevistados, o trabalhador boliviano é visto com muito preconceito e desconfiança, o que cria muitas dificuldades para a sua permanência no país, especialmente para aqueles que procuram as cidades fronteiriças.

Em relação ao migrante brasileiro, em geral este afirma que procura a Bolívia, particularmente a área fronteira e suas imediações como destino para migrar, por considerar um território que apresenta inúmeras carências em termos produtivos e de infraestrutura e não dispor, suficientemente, de mão de obra qualificada para suprir a demanda local.

Diferentemente da migração boliviana, os migrantes brasileiros têm, em geral, melhor nível de escolaridade e dedicam-se a um amplo leque de atividades naquele país. Dentre os que migram para o setor rural, uma parte trabalha para as fazendas de brasileiros situadas na faixa de fronteira, nas quais, comumente assumem a função de administrador. Outros trabalham como tratoristas ou dão assistência técnica ao maquinário agrícola. Destaca-se a ocorrência de um grupo de migrantes mais capitalizados, que têm cruzado a fronteira para adquirir fazendas no território boliviano.

Uma das áreas de atividades de expressiva participação de brasileiros é o comércio, exercido em várias modalidades. Alguns são vendedores ambulantes, encontrando-se, com certa frequência, vendedores cearenses de redes de algodão. Dentre o grupo de vendedores itinerantes destacam-se os que comercializam gêneros alimentícios e de produtos de limpeza, que chegam quase a dominar o abastecimento de vendas junto às comunidades fronteiriças até San Ignacio de Velasco. Encontram-se também entre os migrantes brasileiros vários profissionais liberais.

Igualmente aos migrantes bolivianos o brasileiro que migra para a Bolívia tem como objetivo elevar seu padrão de vida, mas, é importante ressaltar que as condições de ambos no contexto migratório são bastante diferenciadas. Em geral o brasileiro vê na Bolívia uma opção, entre outros, para trabalhar, investir e assim garantir um meio de vida ou ampliar suas oportunidades. Para a maioria dos migrantes bolivianos o Brasil aparece como única possibilidade de conseguir vender sua força de trabalho.

Para os brasileiros a migração tem também suas dificuldades e afirmam que o principal temor que enfrentam é a possibilidade de mudanças nas políticas do país vizinho em relação às regras de propriedade e de trabalho. Afirmam, também, que o que mais esperam do país vizinho é a estabilidade política que lhes garanta segurança para a ampliação de suas atividades.

### **Considerações Finais**

A análise das condições sócio-espaciais vigentes na fronteira mato-grossense permitiu a identificação de um significativo fluxo migratório entre os dois países. Esta migração, quase silenciosa e em parte restrita à faixa de fronteira, ocorre de forma sutil, sem controle por parte das autoridades de ambos os países envolvidos. Neste processo, a migração na fronteira tem se dado tanto como uma mudança definitiva ou duradora como também na modalidade efêmera, voltada para a busca de trabalhos sazonais.

Para muitos migrantes, especialmente o boliviano, o processo de ir e vir através da fronteira é questão de sobrevivência e manutenção de suas famílias. Para estes, a migração não significa uma mudança definitiva para um novo lugar, mas sim uma atividade constante incorporada como forma de vida.

Embora nesta etapa da pesquisa não tenha sido possível quantificar detalhadamente o fluxo migratório na faixa de fronteira de Mato Grosso e Bolívia, foi possível identificar a direção dos movimentos e caracterizá-los com relação ao perfil social dos integrantes, as razões para migrarem e as atividades que desenvolvem na condição de migrante.

Destaca-se a importância e a validade das entrevistas realizadas com alguns migrantes e o registro de seus relatos, o que possibilitou o conhecimento de parte de suas trajetórias de vida. Estas informações, aliadas à observação dos padrões de arranjos espaciais, permitiu a análise mais pormenorizada sobre o contexto migratório na área fronteira de Mato Grosso e Bolívia.

### **Referências Bibliográficas**

BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos, in CASTRO, I. E. de, GOMES, P. C. da C. e CORRÊA, R. L. (orgs) **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997. 319 –367.

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997

LIMA, Dário de Araújo. A gênese do diálogo e a questão das redes, in SOUZA, A. J. de ; SOUZA, E. B. C. de e MAGNONI JÚNIOR, L. (orgs). **Paisagem Território Região: em busca da identidade**. Cascavel (PR): Edunoeste . 200. p. 57 – 75

GOMES, Paulo César da Costa, Geografia *fin-de-siècle*: O discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In CASTRO, Iná E. GOMES, Paulo C. da C. e CORRÊA, R. Lobato. (Orgs) **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro; Bertrand do Brasil. 1997.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. São Paulo. Hucite. 1997.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo. EdUSP. 2008. 5ª edição.

SANTOS, Milton. **Economia Espacial**. São Paulo: EDUSP. 2007.